

# ESCUITA SENSÍVEL: SUCESSO NO CONTEXTO DA UMA

## *SENSITIVE LISTENING: SUCCESS IN THE CONTEXT OF ONE*

Silvanis dos Reis Borges Pereira **1**

Luis Sinésio Silva Neto **2**

Neila Barbosa Osório **3**

**Resumo:** *A Universidade da Maturidade (UMA) surge como um espaço para possibilitar aos velhos sentir-se parte de um contexto social, sentir-se ativo. Um espaço pedagógico de convivência social e aquisição de novos conhecimentos, em que o ensino está imbricado com uma prática aberta, dinâmica, motivadora; em que o diálogo possibilite a proximidade entre professor-acadêmico para que possa compreender que é possível sua participação na sociedade enquanto sujeito histórico. O objetivo deste artigo é demonstrar que o uso da Escuta Sensível como instrumento metodológico é sucesso no contexto da UMA, pois a construção de vínculos afetivos entre professor e acadêmicos faz-se fundamental para consolidar os laços de confiança, carinho, proteção e cuidado. É uma pesquisa bibliográfica, qualitativa que utiliza de análise documental, sendo sua fonte cartas escritas pelos próprios acadêmicos da UMA. Conclui-se com a análise dessas cartas que os docentes envolvidos com as turmas de velhos utilizam dos princípios da escuta sensível, predispõem-se a ouvir, a compreender, a respeitar o conhecimento e experiência do outro, o que leva a construção de vínculos afetivos entre professor e acadêmico que consolidam os laços de confiança, carinho, proteção e cuidado. Isso possibilita aos velhos, construir e reconstruir suas histórias com escuta sensível e motivação.*

**Palavras-chave:** *Escuta Sensível. Velhos. Acadêmicos. Histórias. Universidade da Maturidade.*

**Abstract:** *The Universidade da Maturidade (UMA) emerges as a space to allow the elderly to feel part of a social context, to feel active. A pedagogical space for social coexistence and the acquisition of new knowledge, in which teaching is intertwined with an open, dynamic, motivating practice; in which the dialogue allows the proximity between professor and academic so that they can understand that their participation in society as a historical subject is possible. The objective of this work is to demonstrate that the use of Sensitive Listening as a methodological instrument is successful in the context of UMA, since the construction of affective bonds between professor and academics is fundamental to consolidate the bonds of trust, affection, protection and care. It is a qualitative research that uses document analysis, being its source the letters written by the academics of the UMA. It is concluded with the analysis of these letters that the teachers involved with the groups of old people use the principles of sensitive listening, they are predisposed to listen, to understand, to respect the knowledge and experience of the other, which leads to the construction of affective bonds. between professor and academic that consolidate the bonds of trust, affection, protection and care. This makes it possible for the elderly to build and reconstruct their stories with sensitive listening and motivation.*

**Keywords:** *Sensitive Listening. old. Academics. Stories. University of Maturity.*

- 
- 1** Professora na Universidade Estadual do Tocantins – Unitins. Doutoranda em Educação. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia e Educação Religiosa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8634558572555772>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4580-5681>. E-mail: [silvanisborges@hotmail.com](mailto:silvanisborges@hotmail.com)
  - 2** Doutor Docente Adjunto do Curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Coordenador e docente do Programa Universidade da Maturidade (UMA). Líder do Grupo de Pesquisa Pro-Gero - Envelhecimento Humano. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0239885769879636>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3182-7727>. E-mail: [neilaosorio@mail.uft.edu.br](mailto:neilaosorio@mail.uft.edu.br)
  - 3** Pós Doutora Professora Associada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Coordenadora Nacional da Universidade da Maturidade. Pesquisadora membro dos Grupos de Pesquisa Pro-Gero e História, historiografia e fontes de pesquisa em educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8325746711520223> E-mail: [neilaosorio@mail.uft.edu.br](mailto:neilaosorio@mail.uft.edu.br)

## Introdução

Na evolução natural do ser humano, o envelhecimento é uma etapa em que há transformações físicas, psicológicas e sociais que ocorrem de forma peculiar para cada indivíduo com maior longevidade. É fato que a ciência, a cada dia, produz recursos para prolongar e melhorar a vida do homem. Em contrapartida, a sociedade encontra-se despreparada para a socialização dessa população, não se estrutura para atender as necessidades dos velhos e nem os incluem nos processos de produção socioeconômicos e culturais para a integração social.

É verdade que o envelhecimento da população deixou de ser uma característica dos países desenvolvidos. Atualmente, o Brasil também apresenta esse fenômeno, o que é desvelado pelos dados do IBGE que sinalizam um crescimento gradativo na população de velhos do país, quando indica que em 2013 a população com essa faixa etária era de 14,9 milhões (7,4% do total), estima que em 2025, serão 34 milhões (15% do total) e, em 2060, 58,4 milhões (26,7% do total).

Se é uma realidade o envelhecimento populacional, faz-se necessário reestruturar nossa sociedade para integrar esse indivíduo de forma a melhorar a sua qualidade de vida, bem como modificar concepções sobre juventude e velhice, preferir concepções de que só o que é novo é bom.

Nesse novo cenário, um número grande de velhos chega nessa etapa da vida com boa faculdade cognitiva e intelectual e capacidade funcional, porém a maioria aposenta-se e o tempo fica ocioso, o que, muitas vezes, gera conflitos quando de repente se vê diante de uma nova realidade a que precisa se adaptar. Isso pode causar dificuldade de adaptação, falta de estímulos, introspecção. Esse vazio precisa ser preenchido com atividades significativas que os motivem a fazer planos para o futuro, a socializar-se. Vem, então, a Universidade da Maturidade possibilitar aos velhos sentir-se parte de um contexto social, sentir-se ativo.

A de se pensar também que essa Universidade deve ter uma estrutura diferenciada, que possa atender as necessidades dessas pessoas, com atividades físicas, culturais e sociais. Um espaço pedagógico de convivência social e aquisição de novos conhecimentos, em que ensino significativo está imbricado com uma prática aberta, dinâmica, motivadora; em que o diálogo possibilite a proximidade entre professor-aluno para que se possa compreender que é possível sua participação na sociedade enquanto sujeito histórico.

Assim, buscando entender como acontece uma relação de cuidado nesse cenário, este artigo traz uma discussão sobre o uso da metodologia da escuta sensível e o sucesso no contexto da Universidade da Maturidade, pois compreende-se que a construção de vínculos afetivos entre professor e aluno se faz fundamental para consolidar os laços de confiança, carinho, proteção e cuidado. Isso possibilita aos velhos, que são acadêmicos da UMA, construir e reconstruir suas histórias, procurarem nos conhecimentos a motivação necessária para possam envelhecer saudável com perspectivas de futuro, isso é qualidade de Vida.

O objetivo deste artigo é demonstrar que o uso da Escuta Sensível como instrumento metodológico é sucesso no contexto da UMA. Objetivos específicos: analisar como acontece a relação de cuidado no cenário da escuta sensível na UMA; Verificar a carregada carga de subjetividade do discurso silencioso dos velhos nas linhas escritas nas cartas que contam as suas histórias.

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa que utiliza de análise documental, sendo sua fonte as cartas escritas pelos próprios acadêmicos da UMA.

## Terceira Idade

A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que a terceira idade nos países subdesenvolvidos inicia-se aos 60 anos, e nos países desenvolvidos é acrescida de mais 5 anos, ou seja, 65 anos. De acordo Gonçalves (2010, p.23), o envelhecimento envolve fatores biológicos, o corpo, e fatores psicológicos que vão “proporcionando perdas na tomada de decisões, lentidão, capacidade de analisar e sintetizar, insegurança, dependência e confusões mentais”. Ainda, revela características desse processo, a introspecção, resultante de problemas de relações interpessoais e a dificuldade de equilíbrio.

Essa etapa da vida, muitas vezes torna as pessoas mais impacientes, intolerantes, mais irritadiças. Por outro lado, muitos apresentam características inversas, são mais pacientes, humildes, carentes e afetuosos.

A Lei 8.842/1994, Lei da Política Nacional do Idoso, em seu art. 2ª, dispõe que “Considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade”.

O envelhecimento é uma etapa natural da vida que atinge aspectos biológicos e psicológicos, porém vale lembrar que não é um processo que acontece de forma linear para todos os seres humanos, está estritamente relacionado a fatores das fases anteriores vividas pelos indivíduos, das experiências adquiridas em família, e em outros espaços de convívio social.

Então, coaduna-se com Rute Bacelar (2002, p.29) quando afirma que

Velhice não comporta um só conceito, porque não há equivalência sobre as características de uma pessoa em determinada idade, isto é, a idade cronológica pode não ser idêntica à biológica e social do indivíduo. O conceito cronológico seria determinado a partir dos 65 anos nos países desenvolvidos, e dos 60 anos nos países em desenvolvimento.

Na concepção da autora, não há como conceituar a velhice tomando como base apenas o critério cronológico. Deve-se considerar as condições funcionais, físicas, mentais e de saúde que o velho apresenta.

Para Messy (1999, p. 18), “o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições, à maneira dos movimentos vitais”.

Carvalho Filho (2007, p. 105) considera que o envelhecimento “pode ser conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas que vão alternando progressivamente o organismo, tornando-o mais suscetível às agressões intrínsecas e extrínsecas”.

Segundo Ávila (1978, p.27),

O que caracteriza a velhice não é a quantidade dos anos vividos. Nem é o estado das artérias, como dizia Metchnikof. Nem é anormalidade endócrina, como queria Pende. O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritadiço, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho.

Esses fatores, citados pela autora, desencadeiam sentimentos destrutivos de inutilidade e perda que acentuam os conflitos internos do velho, relacionados à desmotivação, dificuldade de se adequar a novos papéis sociais, sem estímulo para pensar e planejar o futuro.

É interessante ressaltar que no ambiente familiar, em muitos casos, temos um relacionamento cheio de decepções, quando o velho é visto pelos familiares como um peso, porque não tem uma função, não tem um papel social. Assim, ele se isola socialmente, pois sente-se um entrave e torna-se acuado com medo de cometer erros. Por outro lado, há um cenário em que a família superprotege o velho que deixa de fazer tarefas simples e, cada vez mais, torna-se dependente de seus familiares, o que o torna inseguro emocionalmente.

Compreende-se que os cenários familiares apresentados precisam ser revistos, pois o velho necessita sentir-se útil, ocupar-se com atividades que o façam sentir prazer e felicidade, sentir-se parte importante desse grupo familiar.

Na busca de uma melhor qualidade de vida para o velho, Neri (2001, p.60) destaca que “trata-se de preparar e de oferecer meios à pessoa para que possa envelhecer bem, cuidando não

apenas do aspecto físico, social e econômico, mas também das questões de vida interior”.

Também nessa perspectiva, Fabietti (2010, p.77) sublinha que “envelhecer saudavelmente significa, o resultado multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica”.

Nesta linha, está a Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Direito do Idoso, quando afirma que o velho tem direito a uma educação específica.

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

§ 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Entende-se que a educação é um direito de todos e é uma ferramenta capaz de permitir ao velho viver plenamente e enfrentar os desafios, ressignificar sua participação e seus espaços sociais. Assim, evidencia-se a importância da Universidade da Maturidade que pode facilitar o desenvolvimento da afetividade e permitir a integração do velho na sociedade. Além de estimular o pensar, instigar o fazer, trocar experiências, reformular o pensamento e promover o aprender. Como se percebe, o velho necessita estar engajado em atividades em que seja o protagonista da ação para sentir-se produtivo, sentir parte da vida ao seu redor. Além do que, no espaço acadêmico, as atividades em grupo podem mantê-lo engajado socialmente, e as relações com os outros acadêmicos têm valor significativo para melhor qualidade de vida.

Nesse cenário, faz-se necessário que o velho aja fisicamente, psicologicamente e socialmente para que tenha autonomia e independência. É aqui que se faz importante a UMA, onde o velho terá um convívio com outros velhos—acadêmicos, professores jovens e velhos, terá ocupação, ou seja, trabalhos, atividades em grupo que permitam o diálogo, a troca de carinho, troca de experiências, dúvidas e conhecimentos.

Daí vislumbra-se uma aprendizagem que acontece de forma contínua, como na chamada educação permanente definida por Bárcia (1982, p.63) “como um processo de afirmação do indivíduo através da tomada de consciência para um autodeterminismo na condução de alternativas, a fim de dominar as diferentes situações em que será levado a viver”.

É certo que a UMA aparece como um espaço de convivência social que oportuniza uma educação permanente para que o velho possa adquirir novos conhecimentos e compreender-se como sujeito histórico tão importante na sociedade quanto qualquer outro. Mas, para que o processo pedagógico da Universidade da Maturidade seja efetivo, é preciso compreender que o papel da universidade é reintegrar o velho à sociedade, já que ao encerrar suas funções, aposentar-se, perde sua atuação social. Nesse sentido, é necessária uma metodologia diferenciada em que o professor priorize o desenvolvimento de vínculos afetivos com os acadêmicos nos espaços de aprendizagem, espaços esses que devem ser de acolhimento, de cuidado e segurança.

Entende-se, então, que a Escuta Sensível, de Barbier, é um instrumento metodológico adequado para a sala de acadêmicos UMA, visto que a postura do professor cria um ambiente

acolhedor, em que eles sintam o cuidado do professor em escutar as dúvidas, anseios, sentimentos e experiências. Espaço esse de interação em que se revelam relações interpessoais, quando o velho aprende agindo e interagindo com outros e melhora a sua qualidade de vida.

## Escuta Sensível

A Escuta Sensível de Barbier (1998) é uma teoria psicossociológica existencial e multirreferencial que funciona em situações educativas, propõe três tipos de escuta: a científico-clínica: com a metodologia da pesquisa-ação; a poético-existencial: que relaciona-se com o imprevisível, referente às ações das minorias e das especificidades individuais, e a espiritual-filosófica: que preza pelos valores mais profundos, melhor dizendo, aquilo que dá sentido à vida, mais se investe naquilo que é íntimo, que é de cada um.

A escuta sensível opera, ainda, por meio de um eixo de vigilância, ancorado nos três tipos de imaginários: o pessoal-pulsional ligado às questões das pulsões, às forças que impulsionam o indivíduo a satisfazer seus desejos; o social institucional relacionado às significações imaginárias sociais, fruto das relevantes transformações estabelecidas pelas instituições e organizações e o sacral advindo de forças incontrolláveis: telúricas, ecológicas, cósmicas, como pandemias, com a morte e o não-ser.

Na escuta sensível, há uma ação de troca mútua entre a pessoa que fala e pessoa que escuta. Nesse processo, os sujeitos se doam objetivando a aceitação da complexidade e completude do ser humano. Barbier (1997, p.94) dispõe que é

[...]uma escuta/ver que toma empréstimo muito amplamente a abordagem rogeriana em Ciências Humanas, mas pende para o lado da atitude mediativa do sentido oriental do termo. A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores de símbolos e de mitos.

Na turma da terceira idade, o professor deve estar disponível para escutar o aluno nos momentos de dúvida e anseios, precisa ser sensível, criar um ambiente que possibilite aos alunos expressar sentimentos e exporem suas ideias sem receio, que tenham prazer em interagir com o professor e colegas. Ainda, conforme o autor, faz-se necessário considerar que ouvir para compreender carece de uma sensibilidade maior em relação ao outro, que somente será alcançada se o espaço for criado para o diálogo autêntico.

As atividades desenvolvidas ao longo do curso são espaços de interação e nesse espaço o comportamento de cada indivíduo deve tornar-se estímulo para outro. A interação professor-acadêmico vai além dos limites profissionais, ela não se limita a um processo unilateral de ensinar e de aprender. Segundo Barbier (2002), é preciso conhecer, embrenhar-se nos processos subjetivos, ansiando a consciência e mudanças das condições, criando uma relação democrática, entre iguais, não obstante considerando que há especificidades em cada um

Corroboram com as ideias expressas, Tunes, Tacca e Bartholo Júnior (2005, p. 690), quando afirmam que

[...] um grupo de alunos e seu professor estão mergulhados em diferentes possibilidades interativas. A despeito de desempenharem funções inerentes a papéis que lhes são reservados, e tidos como esperados, na instituição escolar estão em processo contínuo de criação intersubjetiva de significados que, por sua vez, podem gerar novas possibilidades de relação. Nesse processo, integram-se histórias de vida com

inúmeras experiências e vivências, tornando-se presentes e se atualizando sentidos subjetivos.

Ora, entende-se que a escuta é um processo essencial nas relações interpessoais, visto que oportuniza maior aproximação dos sujeitos que se relacionam. É por meio da escuta que é possível reconhecer o outro, aceitá-lo, desenvolver a confiança mútua entre o que fala e o que escuta e promover a aproximação dos sujeitos. Então, na prática docente, o professor precisa estar atento ao que é dito, ao que as palavras expressam, isso está estritamente ligado a ouvir com atenção, o que, na maioria das práticas pedagógicas, está longe de existir.

Segundo Barbier (2007, p.18), “no desempenho do seu papel o professor deve ater-se especialmente ao vínculo que estabelece com os alunos nos espaços de aprendizagem, já que é essencial para criar um espaço de acolhimento e segurança”.

Ora, entender a intervenção das subjetividades do professor e dos alunos no processo de ensino-aprendizagem é no mínimo intrigante, pois implica uma relação afetiva e dialógica e que envolve não apenas as aulas, mas tudo relacionado ao processo pedagógico. Na opinião de Barbier, o professor é responsável por cuidar, por saber escutar o outro, por construir pontes por meio da afetividade para que os alunos sejam ajudados, para que sejam estimulados a aprender, a participar.

Para Roger (1977), a escuta sensível está intrinsecamente ligada a empatia. O autor afirma que o modo de ser em relação ao outro, que chamamos de empatia, tem várias faces. É necessário adentrar-se no mundo interior perceptual do outro e sentir-se à vontade nele. Isso envolve atenção, sensibilidade para as mudanças que se detecta na outra pessoa, ou nos significados que ela compreende, ou seja, as várias reações: medo, raiva, confusão, insegurança, afetividade, ou melhor, o que a outra pessoa está passando, significa o entendimento da percepção da realidade do outro para compreender seu comportamento.

Então, é preciso ter sensibilidade para compreender as mais variadas reações existentes na sala de aula. A sensibilidade do docente é percebida desde seu planejamento, na escolha das palavras e nos gestos. Compreende-se que as palavras interferem no dito, nas relações que se constroem no corpo social em que se está inserido. Corroborando com essa concepção, Bakhtin (1978, p.328) afirma que “mergulhando ao fundo de si mesmo o homem encontra os olhos do outro ou vê com os olhos do outro.

Entende-se que é por meio de um diálogo aberto que o professor pode desenvolver implicações marcadamente afetivas, claro que positivas, o que com certeza irá interferir na futura relação que se estabelecerá entre o acadêmico e professor, bem como o objeto de conhecimento em questão. Segundo Rogers (1977, p.83)

a empatia faz diferença quando o professor demonstra que compreende o significado, para o aluno, das experiências em sala de aula, a aprendizagem melhora [...] o estudante percebe em sala de aula que se encontra num clima propício à aprendizagem das matérias escolares quando diante de um professor que o compreende.

O professor que assume essa postura decorrente de um processo empático é visto pelo aluno com apreciação, aceitação e confiança. Para Barbier (1993, p.212), “a pessoa só existe pela atualização de um corpo, de uma imaginação, de uma razão, de uma afetividade em interação permanente. A audição, o tato, o gosto, a visão e o olfato precisam ser desenvolvidos na escuta sensível.

Ora, então a escuta sensível está relacionada a uma presença meditativa, adicionada ao sentido da consciência do estar aqui, do aqui e do agora, reconhecidos no menor gesto. Percebe-se o outro em sua totalidade, dotado de liberdade e pensamento criador.

O professor de alunos velhos deve assumir o desafio de gerir a mediação pedagógica e a complexidade das relações entre os elementos desse espaço. Para Vasconcellos (2003, p. 58-59),

O professor, além de ter um importantíssimo papel de dispor os objetos de conhecimento considerados socialmente relevantes, participa deste processo assim como o catalisador na reação química: não entra propriamente na reação, mas, por sua presença e atuação, ajuda a desencadeá-la; é um elemento dinamizador, que acelera o processo.

Assim, apesar de saber que os fenômenos afetivos são de natureza subjetiva, compreende-se, também, que estão diretamente relacionados à qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Nesse cenário, a preocupação docente deve possibilitar a interação e intervir para garantir conexões de qualidade que permitam a desconstrução, construção e reconstrução do conhecimento.

Entende-se que a escuta sensível é base importante de um trabalho pedagógico que tem por base a interação e a motivação para favorecer a participação ativa do acadêmico, favorecer as relações com os colegas e professores, criando vínculos. Ao falar em vínculos, com certeza aborda-se a empatia, o diálogo e afetividade que são muito importantes nas correlações psicossomáticas básicas e, ainda, exercem grande influência na percepção, na memória, no pensamento, na vontade e na ação.

## **Discussão Sobre Elo De Sucesso: Escuta Sensível X UMA**

O projeto da Universidade da Maturidade UMA está presente em atualmente em 6 cidades do Tocantins: Palmas, Porto Nacional, Dianópolis, Paraíso, Tocantinia e Araguaína. O Projeto tem como coordenadores: Pós Doutora Neila Barbosa Osório e Pós Doutor Luiz Sinésio da Silva Neto.

Para Osório (2012), o projeto de extensão da Universidade Federal do Tocantins é uma proposta pedagógica, voltada à melhoria da qualidade de vida da pessoa adulta e dos velhos, e visa à integração dos mesmos com os alunos de graduação, identificando o papel e a responsabilidade da Universidade em relação às pessoas de terceira idade. Afinal, dentre as instituições públicas e privadas, a Universidade parece ser, no momento, a mais adequada e capaz de estruturar para responder às necessidades específicas para pessoas acima de 45 anos.

A educação permanente possibilita a participação social e cultural dos indivíduos, com o objetivo de melhorar as relações interpessoais e qualidade de vida dos velhos, levando-os a entender melhor o mundo a sua volta e a fazer planos para o futuro. A proposta da educação permanente é que, além de aprender a ser, o indivíduo viva para aprender.

Segundo Sousa; Osório; Sinésio (2013)

As Universidades da Terceira Idade surgiram com o intuito de proporcionar ao velho melhor convívio social, ampliação das relações sociais, descobertas de novas habilidades, propicia-lhes saúde, energia e interesse pela vida, bem como desconstruir a imagem negativa de velhice ainda expressiva na sociedade.

Nesse cenário de necessidade de uma educação que permita a formação individual durante toda a vida, a Universidade da Maturidade surge como um espaço para aprimoramento, busca de conhecimentos, troca de saberes acumulados durante a vida e espaço de convivência social que permite ao velho compreender-se como parte da sociedade como sujeito histórico.

Quando falamos em um espaço de aprendizagem para velhos, é necessário focar em suas necessidades, portanto é necessário reinventar esse espaço social para atender as demandas do velho. Segundo Rodrigues (2000, p.55), “a velhice útil e feliz não pode ser um mito. Cabe à sociedade a responsabilidade de redefinir social e culturalmente o significado de velhice, possibilitando o resgate desse grupo etário.” Entende-se que, na UMA, o velho pode descobrir-se e encontrar novas habilidades, novas fontes de prazer, viver novas experiências, aumentar as relações sociais e

planejar o futuro, vislumbrar uma nova forma de viver essa fase da vida.

Para isso, faz-se necessário que esse espaço seja de cuidado, de escutar, de ouvir o que o outro tem a dizer, e o que diz sem falar. É captar sensações e sentimentos, e para que isso ocorra, o professor envolvido nesse processo deve doar-se, entregar-se inteiramente nessa escuta do que o velho diz, é ser cúmplice, é cuidar. Isso exige atenção, disponibilidade para compreender o velho-acadêmico em sua condição humana, é desenvolver a empatia, é compreender atitudes, sentimentos e intenções, é permitir ao outro colocar-se diante de nós. Conforme depoimento abaixo.

*Após ficar viúva, uma companheira amiga, a sogra de meu filho Wellington, uma amiga chamada Antônia Mesquita, muito decidida me pegou pelo braço e me levou até a UMA. Está comigo em todos os projetos da UMA. Ela é meu suporte. O nome já diz UMA. Uma oportunidade para lançarmos em voos solos. Um local onde somos esclarecidos de nossos direitos e deveres.*

*Temos a oportunidade de enriquecermos culturalmente, temos a oportunidade de fazermos amigos, temos festas para descontrair, esportes, viagens e UMA família que estamos construindo. Somos valorizados pelas nossas experiências de vida. Somos enaltecidos pelo que fizemos, pelo que somos e também pelos nossos projetos futuros (Acadêmica A).*

O texto da aluna evidencia a importância da Universidade para ela, a diferença que os conhecimentos adquiridos e as novas informações fizeram em sua vida. A forma como foi tratada, a valorização das experiências, o ser ouvida, a forma como os professores e as outras pessoas envolvidas no processo a escutaram. E como foi possível vislumbrar oportunidades de fazer planos para o futuro a fizeram feliz.

Tudo isso só ressalta que a Escuta Sensível como instrumento metodológico faz toda a diferença, pois os acadêmicos desvelam que ao serem ouvidos, são também compreendidos, respeitados e valorizados. Isso faz com que mudem sua concepção de velhice, faz se sentirem capazes, sentirem-se ativos, tudo isso melhora sua qualidade de vida.

Compreende-se como um processo de envelhecimento saudável, aquele em que o velho se movimenta fisicamente, psicologicamente e socialmente e, para isso, é necessário que a Universidade faça da Escuta Sensível um instrumento metodológico. Dessa forma, percebe-se que ser acadêmico da universidade possibilitou elevar autoestima e aumentou a interação e percepção de tudo que ainda pode fazer, apesar da idade.

A importância da UMA para os velhos, e como a relação de cuidado faz-se fundamental para melhorar as relações interpessoais e a participação social é revelada nas palavras a seguir.

*Na UMA aprendemos a valorizar o que o mundo se nega a enxergar, a nossa velhice, nossas experiências, nossas vivências, os velhos estão vivendo mais e precisando conviver em grupos, pois muitos, mesmo no seio da família são abandonados deixados de lado. Os jovens hoje têm todas as tecnologias, que para muitos velhos ainda e assustador, mas podemos passar para eles tudo que usamos e tivemos no passado, e que eles só verão em museus e fotos. Nosso lema é "É preciso saber viver", Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.*

*Saber viver e passar a pensar mais em você, se amar, se gostar, aproveitar todas as oportunidades que a vida oferece, pois, nosso momento e hoje,*



*agora, já, manhã talvez não tenhamos mais tempo. O protagonista de nossa história somos nós mesmos, e temos que deixar legado para nossos herdeiros (Acadêmica B).*

Percebe-se que a UMA possibilitou à acadêmica reconhecer que apesar de haver ainda preconceitos em relação à velhice, os velhos estão buscando o seu espaço, valorizando seu conhecimento, suas experiências e, por meio da interação social no espaço acadêmico, estão encontrando novas formas para se valorizar e sentirem-se felizes. E tudo só é possível porque as pessoas envolvidas no processo educacional usam da escuta sensível de forma a oportunizar ao velho agir, pensar para levá-lo a perceber-se como ser pensante, que precisa de conhecimentos e novas experiências, bem como necessita de atenção, afetividade e cuidado. Ratifica essa ideia Castro (2001, p.68) quando afirma que “os velhos precisam de um espaço de fala que torne possível uma ressignificação de seu eu. Algo que lhes permita relançar o desejo e manter o olhar sobre si.”

*Em 2016 conheci o projeto UMA, aprendi envelhecer com saúde, alegria e entusiasmo e fiz maravilhosos amigos, conheci também uma pessoa admirável na qual eu me inspiro que é minha mãezona a Dr<sup>a</sup> Neila e ainda ganhei mais um neto, ou seja, agora tenho 10, meu querido Dr<sup>o</sup> Luiz Neto, pessoas com as quais aprendo muito a cada dia (Acadêmica C).*

Percebe-se que acadêmica e professores desenvolveram sentimentos de afetividade e cumplicidade, princípios básicos da Escuta Sensível: compreender por empatia e relação de confiança.

Segundo Barbier (2002), a Escuta Sensível apoia-se no compreender por empatia, sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro, para poder compreender atitudes, comportamentos, sistemas de ideias, de valores e de símbolos, é a aceitação incondicional, não julga, não mede, não compara, não interpreta, simplesmente aceita o outro.

Na fala das acadêmicas, percebe-se que há um comprometimento de toda a equipe em entender a carregada carga de subjetividade do discurso silencioso dos velhos. Como na fala a seguir.

*Hoje já faço parte da UMA, conheci pessoas incríveis aqui consegui minha segunda família. Agora estou completa, sou grata por tudo que Deus me fez. Agradeço meus amigos meus professores e minha família por me fazer feliz. Obrigada Deus (Acadêmica D).*

O depoimento da acadêmica evidencia que as pessoas envolvidas no processo pedagógico da UMA conseguem uma interação com muita sensibilidade e empatia, o que fortalece as relações interpessoais. Está explícito no depoimento que estar e fazer parte da UMA faz a diferença na vida da acadêmica, torna-a mais feliz. Percebe-se que sua felicidade está em estar se constituindo como alguém que por meio de uma constante interação com outras pessoas está reconstruindo a sua realidade.

Nesse cenário, entende-se que a escuta sensível, por meio do diálogo aberto e sincero, é o instrumento metodológico que faz toda a diferença no processo pedagógico, pois os depoimentos desvelam que há um cuidado em compreender o universo afetivo do outro, há a compreensão dos atos, atitudes e comportamentos, o que segundo Barbier (2002) é compreender a existencialidade interna.

É visível que, no espaço da UMA, o ambiente estabelecido é de aceitação/empatia entre professores e seus alunos, há o cuidado em saber ouvir, interagir e discutir. Nesse cenário, é aparente a compreensão docente das limitações da terceira idade, e a busca, por meio do convívio

social, despertar a motivação para novas conquistas.

## Considerações Finais

O discurso dos alunos da terceira idade revelam que a participação na universidade da terceira idade é capaz de proporcionar alegrias e satisfações, e que sonhos podem ser sonhados e valorizados, e os dias podem ser bem vividos por meio das relações interpessoais, de trocas de experiências e objetivos para serem alcançados.

Ainda, compreende-se que a postura dos profissionais envolvidos na UMA é de sensibilização, procuram compreender, numa relação de afetividade, os sentimentos, a história da vida dos seus acadêmicos. Faz-se assim presente a Escuta Sensível de Barbier, quando depreendem que o velho para se sentir parte da sociedade, produtivo e tornar-se ativo socialmente, necessita contato com a sua afetividade, entendê-la e expressá-la. Isso só acontece quando o velho se autoconhece e se aceita, respeita a si e ao outro, aumenta a autoestima, reconhecendo suas possibilidades e limitações, e também as do restante do grupo.

Durante o trabalho, constatou-se que os velhos, principalmente as mulheres, revelaram o desejo de partilhar seus anseios, medos e frustrações e encontraram na equipe da UMA a escuta sensível, o desenvolver de uma relação de confiança, o compreender por empatia, o diálogo em que há uma relação de parceria, carinho e cuidado, o que possibilita aos acadêmicos reconstruírem suas histórias, ter qualidade de vida.

Na UMA, a construção de vínculos afetivos entre professor e acadêmicos é perceptível, o que é fundamental para consolidar os laços de confiança, carinho, proteção e cuidado. Isso possibilita aos velhos, acadêmicos da Universidade, construir e reconstruírem suas histórias, procurarem nos novos conhecimentos a motivação necessária para envelhecer de forma saudável com perspectivas de futuro, isso é qualidade de Vida.

## Referências

- BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARCIA, Mary F. **Educação Permanente no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982.
- BARBIER, René. **A Escrita Sensível em Educação**. Cadernos ANPED, n.5, UFMG,
- BARBIER, René. **A Pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. 2.ed. Brasília: Liber livro, 2007.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei N. 10.741**, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso). Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm). Acesso em: 10 maio 2017.
- BRASIL. **Lei n.º 8842** (1994, 4 de janeiro). Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso. Brasília.
- BOFF, Leonardo. **Princípios da compaixão e cuidado**. São Paulo: Vozes, 2000.
- CARVALHO FILHO, E. T. de. Filosofia do Envelhecimento. In: PAPALÉO NETO, M. **Tratado de Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 2007.
- FABIETTI, D. M. C. F. Cuidando do Idoso: a saúde e a doença. In: GONÇALVES, R. P. **Envelhecer Bem, criando o Cotidiano**. Rio de Janeiro: Aquariana, 2010.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29ª Ed. São Paulo, editora Paz e Terra, 2004.
- GOBLOT, Edmond, **A Barreira e o nível: retrato da burguesia francesa na passagem do século**, Campinas, SP, editora Papyrus, 1989.
- NERI, A. L. **Envelhecer num país de jovens**. 1ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1991, 178p.

ROGERS, Carl R. **A pessoa como centro**. Trad: Rachel L. Rosenberg. São Paulo: EPU, 1977.

SOUSA, D. M.; OSÓRIO, N. B. ; SINESIO, Luiz . **Universidade da Maturidade**: ressignificando vidas. In: VI Jornada Internacional de Políticas Públicas- O desenvolvimento da crise Capitalista e a atualização das lutas contra a exploração, a dominação e a Humilhação, 2013, São Luís- MA. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas- O desenvolvimento da crise Capitalista e a atualização das lutas contra a exploração, a dominação e a Humilhação, 2013.

TUNES, E.; TACCA, M. C. V. R.; BARTHOLO JÚNIOR, R. dos S. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005.

VASCONCELLOS, C.S. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformações. São Paulo: Libertad, 2001.

Recebido em 29 de fevereiro de 2020.

Aceito em 13 de julho de 2022.